

Relações Públicas – Desafio de hoje e amanhã no exercício da profissão

Relações Públicas.

Valdir Cimino

Resumo

As Relações Públicas nascem da relação homem natureza, ou seja desde a nossa existência, o homem que administra a comunicação corporativa há pouco mais de cem anos busca a sustentabilidade da sociedade capitalista e veloz que vivemos. A democratização do informar para educação é o que garante a nossa identidade nacional, o profissional de Relações Públicas ocupa uma posição chave na formação de uma opinião pública esclarecida.

Palavras-chaves:

Valorização da Profissão, Relações Públicas, Mídia, Responsabilidade Pessoal e Social e Sustentabilidade.

Abstract

Public Relations emerge from the relationship between man and nature ever since man came into existence. The man, who has conducted corporate communication over one hundred years, searches for sustainability of capitalist society, a fast society we live in. The democratization of information for education is what guarantees our national identity, the Public Relation professional plays a key role in the formation of an enlightened public opinion.

Keywords:

Appreciation of the Profession , Public Relations, Media , Personal and Social Responsibility and Sustainability.

É humanamente impossível falar de hoje e amanhã sem reverenciar o passado, nossas vivências, que legado estaremos deixando para as futuras gerações. Dizem que o futuro a Deus pertence, mas cá para nós, só pelo fato de ter a oportunidade de viver junto aos cidadãos globalizados do planeta, acredito que já passou da hora de largar essa responsabilidade somente nas costas de Deus. Todos nós temos o dever de garantir para as futuras gerações, um planeta habitável que assegure qualidade de vida para todos. Esse foi o legado que nossos ancestrais nos deixaram, mas não parece ser o que vamos entregar para as futuras gerações.

Já que colocamos Deus nessa história, vejamos se não foi Dele que partiu o conceito inicial sobre a existência do profissional de Relações Públicas. Antes de criar os públicos – quanta sabedoria! – ele teve o cuidado de planejar o ambiente, o Paraíso, o que o ser humano está predestinado a preservar.

O que veio a seguir, já pelas mãos do homem, não foi tão perfeito assim, mas temos que levar em conta que desde a criação deste Paraíso, os diferentes públicos que se constituíram ainda não chegaram a uma conclusão definitiva: de que, para resolver problemas comuns existe a necessidade de se falar a mesma língua.

Veja o que nos lembra o professor Teobaldo

“Hoje, mais do que ontem, a humanidade tem como seu alicerce a opinião pública e exclusivamente sobre essa base o mundo pode sobreviver. A sociedade de massas precisa ser substituída pela comunidade de públicos, pela evasão do pensamento coletivo, mediante apelos dirigidos à razão e à reflexão. A humanidade só poderá viver em harmonia se existir ampla e livre comunicação, sob pena de sofrermos uma imprevisível rebelião das massas.” (1)

Cada um com seus problemas! É um dito popular que nos afasta cada vez mais da possibilidade de existência de uma ampla e livre comunicação.

Deus administrou muitas crises de relacionamento humano. A de maior proporção podemos dizer que foi a Torre de Babel.

Hoje podemos ter esta história resumida com um simples teclar. Veja o que o encontramos, por exemplo, sobre Babel no site Terra*:



“Restaurando a Torre de Babel

O aceleração da globalização, que se soma ao fato de a humanidade ter concordado, desde o século XIX, em obedecer no mundo inteiro o mesmo horário - o de Greenwich -, em ter adotado o mesmo calendário - o ocidental cristão -, e, ter eleito uma assembléia mundial - a ONU -, funcionando desde 1947, pode nos levar a crer que, um dia, quem sabe, os povos irão se unir, e os homens voltarão a falar uma linguagem só.

As línguas separaram a humanidade

Foi certamente pensando nisso que Jean Jacques Rousseau, no seu Ensaio sobre a Origem das Línguas, afirmou que elas nasceram das paixões (dos rancores herdados dos tempos da Torre de Babel) e não das necessidades. Ou, como ele mesmo sentenciou, “não é a fome ou a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera que lhes arrancaram as primeiras vozes... para repelir um agressor injusto, a natureza impõe sinais, gritos e queixumes.”

Em Busca do Entendimento Perdido

Desde então, tudo levava a crer que inúmeras tentativas de reunir a humanidade, seja em que projeto for, redundavam em fracasso.

Neste tempo todo, não faltaram profetas, nem poetas, conquistadores ou estadistas, filósofos gregos ou humanistas renascentistas, racionalistas ou revolucionários, messias de toda a ordem, que não tentassem reparar os estragos que começaram nas antigas terras da Babilônia, e fazer com que a humanidade reencontrasse uma maneira de falar a mesma língua, ou pelo menos se sentasse ao redor da mesa e, mesmo por sinais, tentasse recuperar o entendimento perdido pelos tataranetos de Noé. E eles foram inúmeros.

A discórdia esteve sempre presente

Fosse Sócrates ou Buda, Confúcio ou Zoroastro, Jesus ou Maomé, Alexandre ou César, Augusto ou Constantino, Dante ou Petrarca, Erasmo ou Las Casas, Kant ou Marx, não houve um só deles que, reconhecendo a essência comum da humanidade, não propusesse algum tipo de restauração da unidade extraviada. Porém, toda vez que os ouvidos dos homens e das mulheres estiveram atentos, sintonizados com o apelo para que voltassem a se reencontrar alguma poção de discórdia era ministrada para estragar tudo, para voltar a cegar os homens, gerando um novo desconcerto.

Do Otimismo ao Novo Dilúvio

nos finais do século XIX, o colonialismo do homem branco empalmara o mundo, mas todos se sentiam otimistas quanto ao futuro. Havia inventado de tudo; as máquinas a vapor espalhavam-se para todos os cantos; a locomotiva e o telégrafo corriam o mundo; o telefone dava os seus primeiros chiados, e a expectativa de vida aumentara em um quarto ao longo daquele século. Jules Verne, apóstolo do progresso, previa maravilhas: homens no centro da Terra, homens viajando para lua, o capitão Nemo no fundo do mar. Os Daimler-Benz e Mister Ford, por sua vez, anunciavam uma era motorizada para breve. O Progresso era a nova divindade a ser celebrada. A situação parecia ser tão tranqüila que até os principais monarcas europeus, o rei da Grã-Bretanha, o kaiser da Alemanha e o czar da Rússia, Dicky, Willy, Nicky, como popularmente os chamavam, eram todos primos irmãos. Quem poderia suspeitar de um desastre ou imaginar uma briga de família naquelas proporções?

A Torre Novamente em Ruínas

Os tijolos do novo mundo de paz estavam todos sendo empilhados pela tecnologia e pela prosperidade geral para erguer o edifício comum da civilização no estupendo século XX que se avizinhava, esperançoso. E num záz, tudo se foi num verão de 1914. Desta vez, não tratou-se só de uma torre desmanchada, pois, em seguida, um dilúvio de sangue humano inundou a Terra. Por duas vezes, a primeira em 1914-18 e a segunda em 1939-45, a venenosa discórdia fez o seu estrago, obrigando a que as palavras usadas então fossem vertidas em balas, petardos e bombas atômicas.”¹

Mas, felizmente, se alguns homens usam seus incríveis talento e inteligência para promover o caos e a destruição, outros usam esses atributos com a mesma força para buscar o bem comum. E demorou, mas muitos despertaram para a necessidade de lutar por uma vida digna: para si mesmo, para os seus, e para todos. Por que se os outros não tiverem uma vida digna, de nada adiantará que alguns tenham uma vida digna, e que a sua prosperidade seja merecida, pois não poderão usufruir as suas conquistas. De nada adiantará poder comprar o melhor e mais caro tênis para o filho adolescente, porque ele poderá voltar para casa com os pés no chão – descalços e

sujos como os pés do assaltante que os levou.

E esse desejo pelo bem comum foi um dos combustíveis que levaram alguns homens em direção a 2001, o ano Internacional do Voluntário.

Por uma trágica ironia, o mesmo ano que celebrou a união, no mundo todo, de pessoas voltadas para o bem comum, nos deu em 11 de setembro duas torres para administrar.

Mas até uma tragédia como essa pode ensinar algo àqueles que não olham apenas para o próprio umbigo. Você deve conhecer alguém que sente que depois do 11 de Setembro ficou um pouco mais complicado voar. Imagine ter que tirar os sapatos e mostrar o que tem na bolsa!

E assim, com o crescimento da população, uma crise substitui outra. Mas é isso o que nos vai transformando no que somos hoje. Estamos na Era da Comunicação. Será uma nova Torre de Babel?

Se, para ter sucesso e reputação neste mercado globalizado em ação, o importante é ser integral e, para ser integral o inquebrantável é construir e manter relacionamentos, percebi que, como educador poderia fazer algo, contribuir de alguma forma para as transformações necessárias. Como profissional da área, não posso deixar de mostrar o quanto a comunicação é importante nesse processo, o quanto pode contribuir para as transformações, seja difundindo o que de bom já foi feito pelo homem ao longo de sua história, seja ajudando a espalhar novas idéias, que podem ser adaptadas às necessidades do bem comum em qualquer bairro, cidade, de qualquer país, de qualquer continente.

Em conclusão de minha monografia “O papel do educador na era da interdependência” realizado na Central de Cursos da FAAP do Master de Tecnologia Educacional, desenvolvo o pensamento do cidadão, percebendo-se como um veículo de comunicação:

“Se fosse possível imaginar uma sociedade onde não houvesse suporte para a transmissão de informações, as palavras poderiam ser aplicadas no corpo dos educadores, tatuadas na pele, por exemplo. Assim, as palavras caminhariam pela história com a responsabilidade de promover o debate e proporcionar a descoberta de uma visão plural de possibilidades, e orientar na busca do melhor caminho para se fazer a escolha certa, isto é, que satisfaça, mas que seja sem preconceitos e em tempos mais justos e humanos.

A crise que gera o inconformismo e, portanto, a violência, no sentido mais banal da palavra, vem do imaginário de que são o avanço tecnológico e o marketing que criam necessidades e desejos. O primeiro por excluir os mais pobres, e o segundo por difundir um sistema baseado na desigualdade social, mitificado pelo conceito da diversidade.

A dificuldade está na quebra do paradigma do conceito de independência, e parar de acreditar que os acontecimentos acabam em si mesmos. A consciência é perceber que todos os acontecimentos são uma sucessão deles em uma relação de causa e efeito. Essa percepção faz cair por terra o conceito de independência. Transforma o todo que encerra um único acontecimento, em uma simples parte, não menos importante. Afinal, um movimento seu interfere em todas as outras, portanto, interligadas. A tecnologia, nesta hora, exerce seu papel, interferindo na velocidade dos acontecimentos, ou seja, na transmissão de informações pelas interligações com a família, os amigos, a mídia, a escola, e com a própria tecnologia, resultando no aumento drástico da quantidade delas, além do aumento, em nível planetário, do seu alcance.

Por outro lado, essas informações precisam ser selecionadas, cabendo ao receptor da informação descartar o que não o satisfaz, assumindo-se como vítima da sociedade de consumo, deixando espaço para o novo e o incerto. Também cabe a ele, e em equilíbrio, apreender o que é bom e transformar essa informação em conhecimento, e conservá-lo num sistema aberto e dinâmico, que aceita a incerteza como motivação, e criar um ambiente seguro, que respeite os valores individuais e coletivos desenvolvendo a responsabilidade de fazer escolhas positivas.

Entende-se que esse aluno, ao ganhar informação e conviver diretamente com a prática da comunicação, por sua vez, participará do processo como multiplicador através de sua natureza interdependente, da interação saudável e da dinâmica da busca de conhecimento e vê-los aplicado na construção de uma personalidade própria com a visão de sociedade mais justa.”(2)

Ao conhecer a Faculdade de Comunicação e Marketing da Fundação Armando Alvares Penteado, meu coordenador conscientizou-me que a cada ano envelheço, ao contrário dos meus alunos, por incrível que pareça! Chegam com média de idade sempre a mesma, mas com uma carga cada vez maior de questionamentos velozes.

Comunicação Social é a minha formação. A especialização em Publicidade e Propaganda me fez vivenciar, nestes trinta anos, o mundo da comunicação profissional, em agência de propaganda, empresas (anunciantes) e veículo de comunicação. Atuo no primeiro, segundo e terceiro setores, mas foi no mundo acadêmico, ao assumir a responsabilidade de ensinar, que percebi a importância de me relacionar com as outras disciplinas - as específicas e as de humanidades - para poder atender o cidadão estudante.

Em 2002 aceitei ser o gestor da atualização do conteúdo programático de Relações Públicas - que hoje coordeno com paixão utilizando minha experiência no mercado neste sentido muito mais eficiente do que a formação em Relações Públicas.

A profissão está sem foco, a sua regulamentação vira e mexe é pauta polêmica de encontros de comunicação e administração.

Compactuo com o pensamento da professora Doutora Margarida Kunsch, em sua palestra “Novos

desafios para o profissional de comunicação”
proferida em 28/11/1996:

“...Eu defendo que esse profissional deve ter, em primeiro lugar, uma visão estratégica. Ele tem que saber planejar e administrar estrategicamente a comunicação. Ele tem que colocar a comunicação como facilitadora para que a organização atinja os seus objetivos. Isso só será possível por meio de um trabalho, de um planejamento adequado, de toda uma negociação, de um trabalho em parceria com as outras unidades. Por exemplo, a comunicação interna tem que se feita em parceria com a área de Recursos Humanos. A comunicação institucional tem que ter um link, uma sintonia com a área mercadológica. Isso só vai ser realmente possível com um trabalho muito sério, muito bem administrado estrategicamente.

Todo esse processo tem que colaborar também para uma mudança de comportamento. Não adianta achar que somente produzindo coisas nós vamos resolver os problemas de comunicação. O profissional tradicional era muito mais um tarefeiro. Tinha uma função tática. Hoje, ele tem que ser muito mais um estrategista. Tem que pensar a comunicação no sentido da busca de satisfação do consumidor e do empregado, de cumprimento da missão e dos valores da organização. Não pode mais deixar de aproveitar a sinergia de um trabalho desenvolvido em íntima união com todos os outros objetivos organizacionais. Ou seja, ele deve ser um profissional holístico, que atue numa perspectiva de comunicação integrada, como já acentuei antes, e um estrategista, capaz de antever e administrar situações que possam causar ou efetivamente causam impacto sobre a organização.”²

As funções do profissional de Relações Públicas estão expressas no decreto n.º 63.283, de 26/9/1968, que regulamentou a profissão. Consideram-se atividades específicas de Relações Públicas as que dizem respeito:

- “a) à orientação de dirigentes de instituições públicas ou privadas na formulação de políticas de Relações Públicas;
- b) à promoção de maior integração da instituição na comunidade;
- c) à informação e a orientação da opinião pública sobre os objetivos elevados de uma instituição;
- d) ao assessoramento na solução de problemas institucionais que influem na posição da entidade perante a opinião pública.
- e) ao planejamento e execução de campanhas de opinião pública;

f) à consultoria externa de Relações Públicas junto a dirigentes de instituições;

g) ao ensino de disciplinas específicas ou de técnicas de Relações Públicas.” (http://www.sinproprp.org.br/Codigo_de_etica/etica.htm acesso em 10/05/2007)

Em maio de 2006, no Centro de Convenções da Fundação Armando Álvares Penteado realizamos a IV Convenção dos Diálogos Apreciativos, em Relações Públicas. Estiveram presentes profissionais do mercado, alunos, professores e representantes das entidades que valorizam a profissão, a professora Dra Maria Aparecida Ferrari, lembrou uma frase famosa do João Evangelista Teixeira, que diz:

“Foi uma teia urdida pelos militares para poder controlar a comunicação e na década de sessenta quase todas as profissões relacionadas com a comunicação foram regulamentadas para poder serem mais controladas”. [http://209.85.165.104/search?q=cache:bF5a5O3mbjwJ:reposcom.portcom.intercom.\(Acessado em 10.05.2007\)](http://209.85.165.104/search?q=cache:bF5a5O3mbjwJ:reposcom.portcom.intercom.(Acessado em 10.05.2007))

“Por outro lado, houve sim um momento moderno de discussão de 92 a 97, que foi o movimento do parlamento nacional, que foi justamente isso. Onde se refletiu se a lei de 67 já não estaria obsoleta em 67, momento em que todos os cursos de todas as faculdades de RP se reuniram, junto a pessoa do mercado que trabalhavam na área, formando fóruns, que emitiram relatório para cada CONRERP, que recopilaram esses dados. Esses dados chegaram ao CONFERP, então uma comissão se reuniu em Atibaia, juntou-se todos os documentos e formou um único, o documento do Parlamento nacional. “

Nesse documento estão todas as propostas de alteração para modernizar a lei. *(IV Convenção Diálogos Apreciativos em RP – FACOM/FAAP 20.05.2006 – texto da gravação do evento).*

A professora ainda reforça em seu discurso:

“...a comunicação é a grande área, a subárea é a Relações Públicas, porque RP é estratégia; e depois nós temos as áreas midiáticas, jornalismo, pp, que estão trabalhando para a execução das estratégias estabelecidas por RP. É um conceito novo, um modelo que revoluciona a hierarquia da prática. Nós precisamos fazer esse esforço de reflexão para reconceitualizar essa divisão, de quem é quem, onde fica o que. Temos que rever os conceitos com uma visão mais contemporânea.” *(IV Convenção Diálogos Apreciativos em RP – FACOM/FAAP 20.05.2006 – texto da gravação do evento).*

Roberto Constante, pessoalmente coloca um posicionamento a se pensar:

“...por mim rasgava tudo e jogava fora. Já se lucubrou a idéia de um conselho de comunicação social, único, talvez pudesse ser uma alternativa para que essas divergências e esses embates pudessem ser esclarecidos e resolvidos. Não sei, mas eu sou um liberal e meu posicionamento pessoal é esse.” *(IV Convenção Diálogos Apreciativos em RP – FACOM/FAAP 20.05.2006 – texto da gravação do evento).*

Mas fica entre a cruz e a espada, pois

“...existe uma regulamentação e enquanto eu estiver à frente do Conselho de Relações Públicas Segunda Região, eu sou obrigado a fazer cumprir o que está na regulamentação.” *(IV Convenção Diálogos Apreciativos em RP – FACOM/FAAP 20.05.2006 – texto da gravação do evento).*

Já o jornalista e Relações Públicas, Paulo Nassar Aberje vê que:

“... a regulamentação é como o muro de Berlim, é só alguém ir e empurrar que vai cair. Todo mundo achava que não ia cair nunca e, de repente, caiu.” *(IV Convenção Diálogos Apreciativos em RP – FACOM/FAAP 20.05.2006 – texto da gravação do evento).*

Complementa:

“Exerci esta profissão em diferentes situações e nomenclaturas, sempre respeitando a gestão de comunicação interna das instituições para as quais trabalhei. Sou Relações Públicas de coração e acho que este profissional tem que se impor como principal atividade de comunicação na empresa. É a área que colabora e assessora várias áreas do ponto de vista de harmonizar relacionamentos, começando sempre pelo público interno.” *(IV Convenção Diálogos Apreciativos em RP – FACOM/FAAP 20.05.2006 – texto da gravação do evento).*

Precisamos não só informar, mas principalmente formar, e Canfield já registrava:

“No seu papel de divulgar informações ao público, o profissional de Relações Públicas ocupa uma posição chave na formação de uma opinião pública esclarecida. **(3)**”

Partindo do princípio que conseguir uma vaga na faculdade é mais fácil do que uma possibilidade no mercado feroz e em constante mutação, nosso desafio é preparar nossos alunos exatamente para o que as empresas exigem. Seria simples, não estivesse incluída nesse desafio a necessidade de transmitir a eles conhecimento e estímulos sobre atitude, empreendedorismo, criatividade, capacidade de trabalhar em grupo, equilíbrio emocional, facilidade de comunicação e assimilação de informações, além de doses de intuição e envolvimento com a comunidade.

Parece difícil? Vamos mostrar um pouco mais de dificuldades. Só assim, mostrando o quanto as coisas são difíceis no mundo moderno, é que

podemos enxergar melhor o papel que RP poderia representar esse cenário.

O fim das distâncias

Já estamos vendo isso: o custo da comunicação não é mais determinado pela distância. Pequenos globais, grandes locais – pequenas

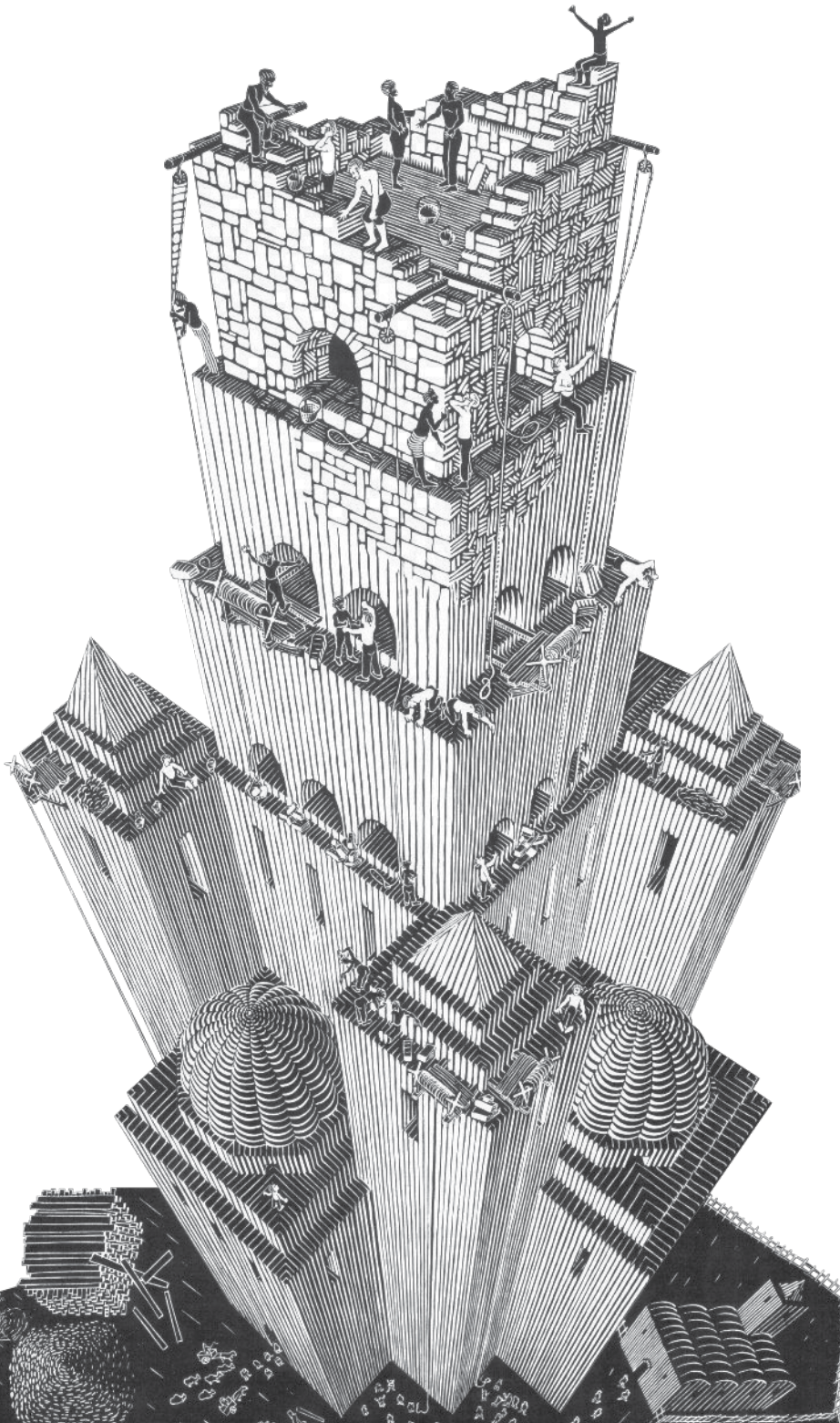
empresas de alcance global; grandes empresas se especializando no domínio de localidades, além de atuar globalmente; convergência entre TV, telefone, internet. Possibilidades diversas de informação personalizada. Competitividade forçando a redução dos custos – e retorno proporcional ao alcance do negócio. Valorização do capital humano, do profissional especializado. Transformação de residências em estações de trabalho. Cidades ao mesmo tempo abrigando centros culturais e sendo palco de choques culturais. Inglês como idioma padrão. Acontecimentos em um canto do mundo afetarão com grande intensidade os demais pontos do globo - e a interdependência forçando as negociações pela paz e democracia entre os países. E uma grande massa de excluídos, sem acesso à informação - num mundo em que informação é sinônimo de liberdade.

Para os incluídos, aqueles que têm informação correta, na hora certa, o poder de decisão nas mãos. Em outras palavras, sociedades virtuais com grande poder de influência política, cultural, econômica.

Ampla difusão de idéias e culturas, com o acesso a qualquer conteúdo, a qualquer hora, em qualquer lugar. Interação maior com as mídias – conteúdo personalizado, etc.

Comunidades de lazer e conveniência – subdivisão social de acordo com interesses específicos para atividades de interesse mútuo.

Como lidar com tudo isso? O futuro está em cada um de nós. Será conjugado de acordo com nossos interesses e necessidades. Cabe a cada um contribuir com um futuro ético, verdadeiro e justo.



A Professora Sarah Chucid da Viá nos traz as diferenças no tratamento da informação, quando diz:

“Numa comunidade de públicos, a discussão é o meio de comunicação fundamental, e os veículos de comunicação de massa, quando existem, apenas ampliam e animam a discussão, ligando um grupo primário com as discussões de outro.” (4)

E continua:

“Numa sociedade de massas, o tipo de comunicação dominante é o veículo formal, e os públicos se tornam apenas simples mercados dos veículos de comunicação de massa.” (5)

Então que a comunicação assuma seu real valor e promova as atitudes de responsabilidade social, respeito à democratização do informar para educação como prática social, apoiar a construção do saber, entreter com foco em nossa cultura, garantindo, assim, o respeito pela nossa identidade nacional; pensar o cidadão como um ser histórico comprometido com a construção de uma relação mundo e seres humanos mais saudáveis. Fortalecendo ética, transparência e continuidade, fortalecendo os relacionamentos entre todos envolvidos no consumo consciente.

Referência Bibliográficas

- (1) ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. “Público e opinião pública”. In: *Curso de Relações Públicas*. São Paulo: Atlas, 1980 (p.15-20).
 (2) CIMINO, Valdir. *O Papel do Educador na Era da Interdependência: Como incrementar as relações entre educadores e alunos através de uma comunicação ética e solidária*. Editora Clio. São Paulo, 2007
 (3) CANFIELD, Bertrand R. “Opinião pública”. In: *Relações Públicas: princípios e problemas*. São Paulo: Pioneira, 1961. (Vol.1, p.27-48).

(4 e 5) DA VIÁ, Sarah Chucid. *Opinião pública: técnica de formação e problemas de controle*. São Paulo: Loyola, 1983. (Cap I, p.11-19).

KUNSCH, Margarida M. Krohling. *Relações Públicas e modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional*. São Paulo: Summus, Editorial, 1997.

Webgrafia

KUNSCH, Margarida M. Krohling - *Novos desafios para o profissional de comunicação* <http://www.portalrp.com.br/bibliotecavirtual/relacoespublicas/teoriaseconceitos> (acessado em 10.05.2007)

Associação Brasileira de Relações Públicas - www.abrpsaopaulo.com.br e www.abrpnacional.com.br

Associação Brasileira de Anunciantes – www.aba.org.br

Associação Brasileira de Comunicação Empresarial - www.aberje.com.br

COOPERRIDER, David - Appreciative Inquiries www.positivechange.org

Conselho Federal do Profissionais de Relações Públicas - www.confep.org.br

Conselho Regional do Profissionais de Relações Públicas - www.conrerp-sp.org.br

*<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/babel.htm>

Sindicato http://www.sinprorp.org.br/Codigo_de_etica/etica.htm

www.wikipedia.com.br e <http://www.ferool.info/ciranda.htm>

Valdir Cimino

Professor e Coordenador de Relações Públicas da FACOM-FAAP e do MBA em Responsabilidade Social Empresarial da FAAP. É Presidente-Fundador da Associação Viva e Deixe Viver e autor de O Papel do Educador na era da Interdependência.